



DOSSIÊ - MASCULINIDADES



Ampliando a noção de gênero

contribuições do feminismo negro para os estudos das masculinidades negras

Claudio Patricio, *Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*

Resumo. Este artigo examina a necessidade de ampliar a noção de gênero além do feminino e destaca a contribuição do feminismo negro para os estudos sobre masculinidades negras. Realizamos uma revisão bibliográfica de teóricas renomadas que refletem sobre questões de gênero, como Joan Scott e Raewyn Connell, além de autoras que utilizam a epistemologia feminista negra para compreender as masculinidades negras, como bell hooks, Patrícia Hill Collins, Ângela Davis e Sueli Carneiro. Exploramos como homens negros têm abordado teórica e artisticamente suas masculinidades, por meio dos estudos sobre masculinidades negras. Concluimos que as discussões sobre o masculino devem ser consideradas ao estudar as relações de gênero, pois são fundamentais para combater o sexismo e outras formas de opressão, como o racismo. O racismo afeta a posição dos homens brancos e negros na estrutura patriarcal da sociedade, o que tem um impacto direto na experiência da masculinidade pelos homens negros. Os homens negros têm reivindicado o direito de falar sobre suas próprias vivências e experiências, buscando compreender as contradições de serem simultaneamente opressores e oprimidos.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades Negras. Feminismo Negro. Gênero.



Introdução

Mas afinal, homem tem gênero ou isso é “coisa de mulher”? No centro das principais discussões das últimas décadas, o gênero por muitas vezes foi (e ainda é) considerado como um termo relacionado com as mulheres e com o feminino (SCOTT,1995). Entretanto, como aponta a mesma autora, o gênero teria na sua gênese a noção de desigualdade e hierarquia entre os sexos (SCOTT,1995). Dessa forma, o masculino também precisa estar incluído nas discussões sobre gênero e nos debates feministas.

Os estudos de masculinidades também têm reforçado essa importância ao demonstrar que os homens não são todos iguais e que suas interações são permeadas por diversas variáveis. Como apontado por Connell e Pearse (2015, p. 38) “*ninguém nasce masculino, é preciso tornar-se homem*”. Assim como os corpos femininos foram politizados e problematizados, os corpos masculinos também precisam passar pelo mesmo processo (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2010). E é a partir dessa premissa que se assenta as reflexões sobre masculinidades, em especial, a negra.

Ao apontar que o homem negro não é um homem, mas um homem negro, Fanon (2008) evidenciou aquilo que tem sido central nas discussões feministas: para se compreender a performance de um gênero é fundamental articulá-lo com outras variáveis, principalmente raça. Não é possível tentar compreender o masculino sem levar em consideração os estigmas que os homens negros carregam e que fazem, muitas vezes, com que eles não sejam considerados homens quando comparados aos homens brancos, por exemplo. Por isso, é importante nos questionarmos qual tem sido o lugar dos homens negros nas discussões de gênero atuais e quais têm sido suas colaborações para tais discussões?

Reféns e algozes de uma lógica patriarcal e racista, os homens negros têm recebido a contribuição das mulheres negras para repensarem suas identidades e suas posições na esfera social. Tendo nas estadunidenses bell hooks e Patrícia Hill Collins uma das suas principais referências, o feminismo negro que pensa sobre as masculinidades negras tem ampliado as possibilidades de leitura e compreensão das vivências dos homens negros. Sem desconsiderar suas responsabilidades, essas feministas têm demonstrado que os homens negros são vítimas do sistema em que eles também são opressores. hooks (2022) afirma: “*quando raça e classe entram em cena junto com o patriarcado, os homens negros*



suportam as piores imposições da identidade patriarcal masculina de gênero (p.33)”.

Será que aquele que oprime, mas que também é oprimido, seria autorizado a produzir conhecimento sobre si próprio? É nesse lugar de ambiguidade que os homens negros estão inseridos. Ao mesmo tempo, em que são homens e, conseqüentemente, detêm os privilégios do patriarcado, eles não podem ser considerados sujeitos universais, pois a cor das suas peles lhes impõe um lugar de sujeição diante dos homens brancos.

Os estudos de masculinidade (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013) têm mostrado que os “poderes e privilégios” advindos do patriarcado não se distribuem de forma igual entre todos os homens. Estudiosos das masculinidades negras (NKOSI, 2014; PINHO, 2004; CUSTÓDIO, 2019) afirmam que os homens negros não possuem o mesmo status social que os homens brancos, sendo o racismo o principal instrumento de demarcação entre esses dois grupos. Utilizando-se da noção de interseccionalidade, é preciso correlacionar variáveis (raça, gênero, sexualidade...) para se compreender as particularidades de cada subgrupo.

Desta maneira, para se tentar compreender o significado do que significa “*ser um homem negro*” é preciso especificar de qual homem estamos falando. Do cisgênero ou do transgênero? Qual a expressão social da sua sexualidade? Qual a sua classe social? Como ele vivencia a sua espiritualidade? Ele apresenta alguma deficiência física? Fazer análises de forma interseccional tem sido um dos grandes desafios dos estudos sobre masculinidades negras, pois, a riqueza está em não mais fazer debates “monocategoriais” (CONRADO; RIBEIRO, 2017), mas sim pensar a categoria gênero, por exemplo, articulada com outras variáveis.

O presente artigo pretende justamente demonstrar a importância de se ampliar a noção de gênero para além do feminino e de como as problematizações e críticas do feminismo negro têm contribuído para avançar os estudos das masculinidades negras. Para alcançar tal objetivo, será utilizada a metodologia de revisão bibliográfica de teóricas que refletem sobre as questões de gênero, como, por exemplo, Joan Scott e Raewyn Connell e de autoras que utilizam da epistemologia feminista negra para compreender as masculinidades negras, tais como: bell hooks, Patrícia Hill Collins, Ângela Davis e Sueli Carneiro. Por fim, pretende-se mostrar como os homens negros têm pensado suas masculinidades tendo como perspectiva teórica os estudos de masculinidades negras.



Gênero: pensando além do feminino

Surgido nos estudos das ciências sociais e apropriado pelos estudos feministas, o termo gênero talvez tenha sido a categoria de análise mais problematizada no final do século XX. No centro de diversas polêmicas, seja de cunho religioso, biológico ou político, o gênero tornou-se, juntamente com raça e classe, uma das principais categorias para compreender o indivíduo e as suas relações com o mundo no qual está inserido. Com diferentes definições, passando da linguística à psicanálise, o termo teve no artigo *Gênero: uma categoria útil de uma análise histórica* (SCOTT,1995) uma das principais contribuições do que hoje se compreende por gênero.

Ao pensar o gênero como um termo relacional utilizado para falar sobre os sistemas de relações sociais ou sexuais, Scott (1995) reafirma a importância de se pensar a mulher e o homem nas relações de gênero. Diferente do que o senso comum compreende, o termo gênero não é apenas um substituto do termo mulher nos estudos acadêmicos, é também a criação de um conceito que demonstra que qualquer informação sobre as mulheres também implicará em informações sobre os homens, pois a definição de um está diretamente ligada a definição do outro. A noção sociocultural do que é uma mulher, por exemplo, ampara-se no contraponto do que seja um homem, assim, o gênero serviria para explicar as relações sociais entre os sexos (SCOTT,1995). Dessa forma, “gênero seria uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT,1995, p.75).

Sabendo-se que as relações sociais entre os sexos são estabelecidas a partir de um contexto patriarcal no qual há uma hierarquia de poder entre os sexos, Scott (1995) afirma que o gênero é um campo primário no qual o poder é articulado. Assim, a autora faz duas proposições para embasar a sua definição de gênero: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT,1995, p.76). Complementando essa definição, gênero também pode ser compreendido como um artefato político capaz de propiciar reconhecimento e identidade, mas também significativas injustiças e danos àqueles que ousam desafiar suas normas preestabelecidas (CONNELL; PEARSE, 2015).

Ampliando o entendimento da emblemática frase de Simone de Beauvoir de que *não se nasce mulher, tornar-se*, Connell e Pearse



(CONNELL; PEARSE, 2015), afirmam que o ser homem ou ser mulher é uma condição que está em constante transformação, e não um estado predeterminado ou biologicamente determinado. Para as pesquisadoras australianas, cada pessoa seria capaz de construir a si mesma como masculina ou feminina a partir do lugar que lhe for atribuído socialmente. É a partir dessa visão que podemos pensar em mulheres masculinas e homens femininos (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 39), por exemplo.

O gênero também pode ser definido como: “estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 48-49), isto é, são as formas como as sociedades lidam com os corpos humanos e as consequências dessas maneiras de lidar (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 49). As autoras afirmam que o gênero pode ser compreendido como uma estrutura social, conforme a teoria social, por manter padrões difundidos nas relações sociais. Uma das consequências direta da compreensão do gênero como uma estrutura social é interpretá-lo como sendo multidimensional. Assim, ele não estaria apenas relacionado à identidade, às relações de trabalho ou à sexualidade, por exemplo, mas a tudo isso ao mesmo tempo. A noção de ser homem ou ser mulher pode alterar-se significativamente dependendo do contexto cultural no qual o indivíduo está inserido. E mesmo num mesmo contexto as características de cada gênero estão em constantes transformações. Assim como o gênero teve um começo, ele também pode ter um fim (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 49).

O autor e escritor feminista Paul Preciado resgata em seu texto *Tecnogênero* (2018) discussões importantes sobre a construção dos gêneros e da forma como essas discussões foram apropriadas pelas teorias feministas. Ele afirma que o feminismo, especialmente o branco, ignorou as dimensões médicas e biotecnológicas da produção do gênero. O gênero, enquanto identidade em constante construção e transformação, seria, para ele, um artefato industrial biotécnico (PRECIADO, 2018), isto é, a noção de masculino e feminino seriam termos sem um conteúdo empírico para além das tecnologias que os produzem. Portanto, o ser homem está ligado às indústrias por trás desse indivíduo/consumidor.

O marketing das empresas esportivas, a estética dos influenciadores digitais e o conteúdo pornográfico produzido na internet, por exemplo, acabam por definir o perfil de masculinidade socialmente



aceita e esperada aos homens, independente de outros marcadores (raça, orientação sexual...). Como definido por Durval Muniz de Albuquerque Junior, nossa cultura é uma “máquina de fabricar machos” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2010), machos com corpos e subjetividades predeterminados (brancos, viris e heterossexuais) e, justamente por isso, sem vida própria e sem individualidade.

Nossa sociedade consegue fabricar machos porque os corpos masculinos são, antes de qualquer coisa, carnes atravessadas pelos imperativos da cultura, da linguagem (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2020). O corpo masculino, assim como o feminino, é um conceito que é aprendido e apreendido pelos determinantes culturais e econômicos (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2020; PRECIADO, 2018). Um corpo, para ser assim entendido, precisa de carnes e conceitos. Ainda de acordo com Durval Muniz de Albuquerque Júnior:

Não nascemos com corpos, mas aprendemos a ser corpo, aprendemos a transformar carnes em corpos. Quando a criança nasce ela é apenas um animalzinho, nem humana é ainda. Ela não possui a menor consciência corporal, ou seja, ela ainda não possui um corpo, pois tê-lo depende dessa consciência, desse aprendizado, de uma percepção das carnes como corpo, que só vai adquirindo à medida que se socializa, que vai incorporando a sua cultura, as categorias e conceitos que sua ordem social e cultural tem a oferecer a respeito da corporeidade. Cada ser humano possui o corpo que sua cultura permite, que sua ordem social prescreve e possibilita. Possuir um corpo depende de um aprendizado, de processos educativos, de pedagogias que atuam no cotidiano e nos vários âmbitos da vida social (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2020, p.261).

O corpo, que tem na sua problematização, uma das raízes das discussões de gênero, pode ser fabricado para ser portador de várias mensagens políticas ou para levantar bandeiras sociais, como tem acontecido com os movimentos LGBTQIA+, negro, indígenas e feministas (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2020).

Apesar dos corpos masculinos se beneficiarem das desigualdades de gênero, essas desigualdades não ocorrem de forma uniforme entre todos os homens (CONNELL; PEARSE, 2015). Meninos e homens que não reproduzem o padrão de masculinidade dominante tendem a ser alvos de violências tanto físicas quanto psicológicas e simbólicas. A concessão dos benefícios das desigualdades de gênero também é influenciada por questões raciais e de classe social. Dessa forma, homens não-brancos e das classes sociais inferiores não detêm os mesmos privilégios patriarcais que os homens brancos das classes sociais dominantes. Connell (2016) enfatiza que os homens que mais se beneficiam dos dividendos patriarcais não são os mesmos que arcam com os custos desse benefício.



Reconhecendo a importância de compreender a realidade dos corpos tidos como femininos, os estudos feministas tiveram nas relações de gênero um dos grandes suportes teórico e metodológico para se desenvolverem. Com o avanço das pesquisas foi-se compreendendo que as relações entre os gêneros não eram as mesmas entre todas as mulheres. Verificou-se que a relação entre uma mulher branca e um homem branco não era a mesma entre uma mulher negra e esse mesmo homem branco, nem entre a mulher negra e o homem negro. Visando pensar as peculiaridades das vivências das mulheres negras, foi que emergiu uma nova vertente do feminismo: o feminismo negro.

Feminismo negro e as masculinidades negras

Como aponta Patrícia Hill Collins (2019), o feminismo negro reflete os interesses e ponto de vista daquelas que o elaboraram. Essa afirmação, apesar de simples, demonstra o caráter político que a teoria feminista negra tem e reforça a importância da honestidade intelectual daqueles que se propõem a utilizar da teoria. Essa é a cerne daquilo que compreendemos como sendo uma epistemologia feminista negra. Por epistemologia compreendemos como o processo que determina quais perguntas merecem ser investigadas, quais referenciais interpretativos serão utilizados para analisar as descobertas e quais serão as finalidades dos conhecimentos adquiridos no decorrer desse processo (COLLINS, 2019, p.256).

Reconhecendo a importância da experiência vivida para a teorização intelectual, como apontado por Collins (2019), muitas feministas negras se propuseram a pensar e teorizar sobre os homens negros, tendo em bell hooks uma das suas principais representantes. No seu livro intitulado *A gente é da hora: homens negros e masculinidade* (2022), a autora afirma: “*As mulheres negras não podem falar pelos homens negros. Nós podemos falar com eles. Ao fazê-lo, incorporamos a prática da solidariedade, em que o diálogo é a base do amor verdadeiro*” (hooks, 2022, p.39). A visão da autora mostra-se um avanço nas discussões sobre as relações de gênero, pois além de demonstrar que o homem negro não é só vítima ou só vilão, também mostra as próprias contradições das mulheres negras nas suas interpretações e conclusões a respeito dos homens negros.

Questionar o modo de vida dos homens é questionar os seus benefícios diante da lógica patriarcal, entretanto, como afirma hooks



(2018) esses benefícios têm um preço, que a maioria dos homens não quer mais pagar. Nem todos os homens concordam com a lógica de opressão e dominação dos homens em relação às mulheres (e a outros homens também), ao mesmo tempo, em que muitos não sabem o que fazer para superar essas imposições do patriarcado. Perdidos em uma sociedade que tem questionado os lugares preestabelecidos dos gêneros, os homens têm recorrido justamente ao grupo que eles sempre oprimiram para ajudá-los a se “libertar das amarras do patriarcado” (hooks, 2018).

O feminismo negro, a partir das suas discussões e produções, percebeu que a realidade das mulheres negras só se alteraria se os homens, principalmente os negros, alterassem seus pensamentos e seus comportamentos. As relações dos homens negros com as mulheres negras têm sido amplamente investigadas e problematizadas, por exemplo. Sueli Carneiro (1995), uma das principais teóricas do feminismo negro brasileiro, apontou que os homens negros heterossexuais tendem a escolher mulheres brancas em detrimento das mulheres negras para se relacionarem. Esse comportamento dos homens negros acaba por influenciar de forma determinante as vivências das mulheres negras por contribuir para aquilo que tem sido denominado de “solidão da mulher negra” já que elas também são preteridas pelos homens brancos.

Em seu artigo *Gênero, raça e ascensão social* (1995) Sueli Carneiro afirma que o homem negro nunca terá o poder real, mesmo que ele alcance fama e visibilidade pelos seus feitos ou que consiga uma mobilidade social a partir dos ganhos do seu trabalho. Para a teórica, o homem negro nunca terá um verdadeiro poder porque ele nunca será dono dos meios de produção, não terá representação política e nem será reconhecido pela sua intelectualidade. O poder que o homem negro exerce é uma “permissão” que as pessoas brancas lhe concedem e que, por isso mesmo, pode lhe ser retirado a qualquer instante. A autora reforça que os lugares que os homens negros têm algum poder são aqueles que não são os mais importantes para os brancos.

Incluir as discussões sobre as vivências dos homens sempre foi uma pauta contraditória dentro dos feminismos, a ponto do movimento, por diversas vezes, ser considerado “anti-homem” (hooks, 2018), entretanto, como aponta bell hooks no livro *O feminismo é para todo mundo* o principal objetivo das lutas feministas é acabar com o sexismo, com a exploração sexista e com a opressão. Ao definir especificamente os seus objetivos e reafirmar que não é um movimento anti-homem



(hooks,2018), os feminismos expandiram a sua capacidade de atuação e incluíram aqueles que são os maiores autores do sexismo: os homens com suas masculinidades, atualmente definidas como tóxicas.

Para Vigoya (2018) há alguns riscos quando se estuda homens e masculinidades no campo feminista. Um deles é a ilusão de simetria. A simetria não ocorreria pelo fato de o gênero ser relacional e, portanto, está submetido a uma relação de poder. Para a autora, não se deve considerar os homens a partir de um binômio simétrico, mas sim compreendê-los a partir de uma perspectiva crítica, contextualizado as relações desiguais nos quais eles estão inseridos (VIGOYA,2018, p.15). Outro risco seria tratar de forma muito subjetiva os sofrimentos que certos homens sofrem por responder, ou não, as expectativas sociais e culturais em relação à masculinidade. De acordo com ela, as análises das angústias vivenciadas pelos homens não podem ser realizadas apenas levando em consideração a narrativa desses atores sociais, é preciso também considerar as relações de gênero, seja dos homens com as mulheres, seja dos homens com os outros homens (VIGOYA,2018, p.16).

Por fim, um terceiro risco do estudo sobre os homens na perspectiva feminista é o de considerar de que o sexismo é apenas fruto da ignorância e que os homens poderiam aprender a não ser sexistas. Segundo a autora, tal entendimento desconsidera a cumplicidade que os homens compartilham no modelo hegemônico de masculinidade e as recompensas que eles podem adquirir em apoiá-lo, mesmo adotando comportamentos que se distanciam dele (VIGOYA,2018, p.17).

Ainda sobre a importância dos feminismos para os diálogos das masculinidades, Albuquerque Júnior afirmou:

Politizar o corpo masculino significa tomá-lo como um problema a ser discutido, tomá-lo como uma realidade que precisa ser modificada, propor que sejam modificadas as formas de pensar que o definem e o constituem, assim como as práticas que o instituem. Para isso, os homens devem passar a ser uma preocupação central dos feminismos, não apenas as mulheres. Se os estudos de gênero afirmaram o caráter relacional das definições de gênero, dos modelos de gênero, as mensagens e práticas feministas não devem estar voltadas apenas para um lado da relação, mas devem se dirigir aos dois agentes das relações de gênero (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2010, p.27).

A ampliação do escopo de pesquisa dos estudos feministas para as questões dos homens e das masculinidades precisa, de acordo com Vigoya (2018), de, pelo menos, duas transformações significativas. A primeira é o reconhecimento das masculinidades como um campo legítimo enquanto elemento constituinte da estrutura de gênero. E uma



segunda é o reconhecimento daqueles que desfrutam as vantagens patriarcais das suas responsabilidades no atual ordenamento de gênero (p.18). Esses são alguns dos chamados que as mulheres negras têm realizado aos homens negros, por exemplo.

As discussões do feminismo negro têm demonstrado como a sexualização dos corpos negros acontece a todos os corpos, independentemente de como ele é lido socialmente. Entretanto, ainda é pouco problematizado como os homens negros lidam com esse processo, já que na estrutura patriarcal uma das formas de exercício do poder é a partir das vivências e das práticas da sexualidade. Será que os homens negros usufruem de algum privilégio por ter seus corpos objetificados e desejados sexualmente? E as mulheres negras, qual será a participação delas nessa construção hipersexualizada dos homens negros?

bell hooks (2022) aponta que um dos espaços onde os homens negros mais têm perdido a sua posição de autoridade é no campo da sexualidade. Se antes havia uma certeza sobre o seu papel na esfera sexual, como aquele que precisava ser sempre viril, com o corpo musculoso e ostentar um órgão sexual avantajado, com a problematização desses rótulos eles têm ficado sem um referencial de como devem ser e como devem se portar. Como apontou Robert Jensen (1997), os homens negros, assim como todos os homens, foram educados para exercer aquilo que ele denominou de sexo patriarcal, isto é, exercer a dominação em todos os tipos de práticas sexuais. Ainda segundo Jensen (1997) ser homem na nossa cultura é ser aquele que “fode” e ao “foder” exerce todo o seu poder subjugando aquele/a que está sendo “fodido”. É essa noção de sexo patriarcal que legitima com que violências sexuais sejam praticadas por homens, tendo no estupro sua principal exemplificação.

Ângela Davis em *Mulheres, raça e classe* (2016) dedicou um capítulo inteiro para falar como a lógica do sexo patriarcal ajudou a estigmatizar e criminalizar os homens negros como estupradores em potencial. Para a autora, o “mito do estuprador negro” sempre é invocado, no contexto estadunidense, quando se precisa justificar violências cometidas contra as comunidades negras. Davis também pontuou que quando as mulheres negras desafiaram as lógicas que propiciavam a efetivação do estupro, elas acabaram por expor como as acusações falsas de estupro resultaram num instrumento de aniquilamento dos homens negros. Isso acontece porque as acusações de violências sexuais ocorrem de forma indiscriminadas aos homens



negros, sendo eles culpados ou inocentes (DAVIS,2016, p.175) reforçando, assim, uma lógica racista.

As violências sexuais podem ser cometidas por homens de todas as raças e etnias. No entanto, quando um homem branco é o autor, sua raça muitas vezes não é mencionada ou considerada na divulgação e explicação do fato. Isso é diferente do que ocorre quando o autor é um homem negro, onde sua cor é frequentemente destacada como uma estratégia de criminalização de todo o grupo social ao qual ele pertence (DAVIS, 2016).

A educação e socialização dos homens têm sido baseadas na ideia de que a virilidade deve ser exercida por meio da dominação e violência (JENSEN, 1997; hooks,2022). Essa concepção de virilidade tem sido amplamente criticada pelos estudos feministas e de masculinidades, que apontam para o caráter violento, subjugador e objetificador dessa forma de exercício da sexualidade.

Essas características contribuem significativamente para a desumanização dos corpos femininos, mas também dos corpos masculinos, resultando em graves violências. Além disso, essa concepção de virilidade também tem consequências graves para os homens, que muitas vezes se sentem pressionados a se encaixar em um ideal de masculinidade que é inatingível e prejudicial à sua saúde mental e física.

Os estudos feministas e de masculinidades têm sido fundamentais para desconstruir essa concepção de virilidade e para promover uma compreensão mais saudável e equilibrada da vivência da sexualidade, especialmente dos homens negros (HOOKS,2022; ALBUQUERQUE JUNIOR, 2010). Eles têm apontado para a importância do respeito mútuo, do consentimento e do diálogo aberto como elementos fundamentais para uma sexualidade saudável e prazerosa para todas as pessoas envolvidas.

Uma das principais críticas daqueles que não conhecem a teoria feminista de forma aprofundada é de que ela coloca os homens como os principais inimigos das mulheres. Tal percepção, compartilhada pelo senso comum, tem efeitos extremamente negativos para a própria luta feminista (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2010), pois faz com que os homens continuem com uma postura defensiva e agressiva sempre que é confrontado com a temática. Ao não possibilitar que os homens acessem as discussões nos quais eles são acusados de serem os principais causadores das mazelas femininas, faz com que esses mesmos homens não reflitam sobre suas ações e não modifiquem suas práticas. Diante disso, Albuquerque Júnior (2010) faz alguns questionamentos:



É possível modificar as relações de gênero modificando apenas as mulheres? Isso não exacerbaria uma tendência já presente em nossa cultura, a da segregação de espaços e de relações entre homens e mulheres? Não aprofundaria os desentendimentos entre homens e mulheres, já tão profundos, motivados, exatamente, pelo fato de que em nossas sociedade e culturas mulheres e homens são educados de maneiras completamente diferentes e nessas diferenças está implícita uma valoração distinta de cada gênero, que termina por afirmar e gerar desigualdades entre eles? Não estaríamos fabricando uma sociedade de seres solitários, individualistas, com medo do outro (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2010, p.28).

Se as feministas brancas sexualizaram os homens, isto é, começaram a tratá-los como seres sexuados e não como referências universais (VIGOYA,2018), as feministas negras racializaram esses mesmos homens, mostrando que o marcador racial é fundamental para compreender as relações de e entre gêneros.

Foi a partir desse entendimento, de que não há modificação das relações de gênero sem a participação dos homens, que as mulheres negras têm ampliado o diálogo com os homens negros. Muito mais do que simplesmente apontar falhas, o feminismo negro quer convocar os homens negros para assumirem suas responsabilidades, para que eles passem por um processo de autoconhecimento e, principalmente, que eles possam se autodefinirem ao invés de serem definidos pelos outros (hooks,2022). Como sinalizou Albuquerque Júnior (2010), as mulheres podem contribuir significativamente para a alteração da percepção do que se é homem e de como essa vivência pode acontecer de forma saudável e menos destrutiva tanto para os corpos masculinos quanto para os femininos.

Os estudos do feminismo negro têm possibilitado a conscientização das mulheres negras de que as suas experiências e a dos homens negros estão interligadas por laços de solidariedades objetivas e subjetivas, o que não quer dizer que elas precisam tolerar mais violências dos homens negros do que dos demais (VIGOYA,2018).

Algumas teóricas feministas, como María Lugones (2014), têm expandido o feminismo para além das questões de gênero e raça, adotando um enfoque decolonial. Em seu artigo "Rumo a um feminismo descolonial", Lugones propõe uma crítica contundente ao colonialismo e ao patriarcado, argumentando que a opressão colonial impôs uma visão eurocêntrica e binária sobre o gênero, criando hierarquias sexuais e raciais inexistentes nas sociedades indígenas pré-coloniais.

Lugones entende o gênero como uma construção colonial imposta, que organiza o mundo em categorias dicotômicas e hierárquicas, como



homem/mulher e humano/não humano. Essa estrutura é fundamental para a modernidade capitalista colonial, justificando a desumanização e opressão dos povos colonizados. Nesse sentido, o gênero não é apenas uma questão de identidade sexual, mas está profundamente interligado com raça, classe, sexualidade e poder.

O feminismo descolonial, conforme defendido por Lugones(2014), vai além da crítica à opressão de gênero. Ele reconhece que essa opressão está enraizada na história colonial e racial das Américas, e propõe que as feministas repensem sua luta incorporando as perspectivas e experiências de mulheres não brancas, especialmente aquelas historicamente marginalizadas pelas narrativas dominantes do feminismo ocidental.

No campo dos estudos sobre masculinidades negras, o pensamento descolonial de Lugones oferece duas contribuições centrais: a crítica à colonialidade do poder e do gênero, e a desconstrução da masculinidade hegemônica.

Lugones (2014) argumenta que o colonialismo não apenas racializou e explorou as populações não-brancas, mas também impôs uma estrutura de gênero específica. Para os homens negros colonizados, isso significou que suas masculinidades foram — e continuam sendo — moldadas por uma lógica colonial que os desumaniza, marginaliza e, ao mesmo tempo, os criminaliza. O feminismo descolonial, portanto, rejeita a ideia de uma masculinidade única e hegemônica, geralmente baseada em padrões ocidentais, brancos e heteronormativos. Em vez disso, propõe a existência de múltiplas masculinidades, reconhecendo que homens negros vivem suas identidades de maneiras diversas, sendo atravessados por múltiplas formas de opressão.

Essa desconstrução da masculinidade dominante permite uma análise mais abrangente das diferentes experiências de homens negros em sociedades pós-coloniais, desafiando a visão homogênea de masculinidade.

As contribuições e críticas dos feminismos negros e descolonial às vivências das masculinidades negras têm propiciado com que eles assumem o protagonismo das suas próprias histórias, estimulando os debates que têm ocorrido entre os estudiosos das masculinidades negras.

Homens negros e suas masculinidades

Perceber que não possuíam uma masculinidade considerada hegemônica, como conceituado por Connell e Messerschmidt (2013),



mas sim uma masculinidade subalterna, tem feito com que os homens negros repensem o que significa ser homem e como o racismo afeta diretamente nessa identificação. O exercício de uma masculinidade pautada pelos princípios hegemônicos (patriarcal, rico e branco) é experienciada pelos homens negros como sendo uma masculinidade fora do lugar (CUSTÓDIO,2019) e esse não-lugar acarreta contradições e danos para as vivências das suas masculinidades.

Ampliando a noção de masculinidade definida por Connell e Messerschmidt (2013), Túlio Augusto Custódio (2019) afirma que:

Masculinidades são processos de configurações de prática que não devem ser vistos como equivalentes de homens, pois masculinidades são processos e não grupos de pessoas. São, portanto, lugares de privilégios que fazem com que a maioria dos homens receba dividendos patriarcais com base em uma dita subordinação geral das mulheres, ao feminino (p,146).

A masculinidade, enquanto experiência, expressão de um gênero, uma prática, é extremamente volúvel, incerta, apesar do desejo masculino de torná-la rígida. Por causa disso ela é questionada e precisa ser provada e reafirmada constantemente (KIMMEL,1998), produzindo um movimento de eterno começo e recomeço para os homens. Se a masculinidade exige uma demonstração constante, como seria demonstrada a aquisição bem realizada de uma masculinidade (KIMMEL, 1998, p. 111)? Ela funciona da mesma forma para os diferentes tipos de homens?

Para Kimmel (1998) a principal forma que os homens utilizam para tentar demonstrar uma aquisição bem-sucedida de uma masculinidade é através da desvalorização de outras vivências de masculinidade, posicionando o hegemônico por oposição ao subalterno, criando, assim, outro passível de ser combatido. O conceito de masculinidade hegemônica pressupõe uma relação de subordinação de masculinidades tidas como não-hegemônicas (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013). Importante salientar que essas noções de hegemonia e subalternidade estão relacionadas com o contexto sócio-histórico em que os sujeitos estão inseridos e que, por isso mesmo, são conceitos passíveis de disputas e ressignificações (CUSTÓDIO,2019; PINHO,2004).

A masculinidade hegemônica é mais visível àqueles que são mais afetados pela sua violência (KIMMEL, 1998), como, por exemplo, as masculinidades negras. Tida como subordinada, a masculinidade do homem negro enfrenta questões complexas para se estabelecer (SOUZA, 2013). Para Custódio (2019, p.147) as masculinidades negras ocupariam



um lugar de privilégio subordinado. O privilégio se daria diante do feminino e a subordinação aconteceria perante os homens brancos.

Fanon (2008) afirma que brancos e negros estão presos em um duplo narcisismo. De um lado o branco está preso em sua branquitude e do outro o negro está restrito à sua negritude. Entretanto, a partir da lógica colonizadora que afirma que o que é do colonizador é superior, os homens negros tenderão a almejar ter aquilo que eles acreditam ser mais valorizados socialmente, no caso, o poder atribuído a quem supostamente detém uma masculinidade hegemônica. Contudo, mesmo com o acesso a todos os símbolos que, supostamente, representariam essa masculinidade, os homens negros percebem que nunca obterão o reconhecimento social que os homens brancos obtêm. O negro está fadado a vivenciar apenas um destino e esse destino é branco (FANON, 2008).

Considerada subalterna, a masculinidade para os homens negros tende a ser mais desafiadora do que para os homens brancos. Nkosi (2014) afirma que o negro precisa ser “macho ao quadrado” em todas as situações exigidas, pois só assim ele conseguirá ser reconhecido. A lógica racista aliada com o ideal de masculinidade hegemônica aprisiona o homem negro em determinadas características. Ainda de acordo com Nkosi (2014) a masculinidade do homem negro está diretamente relacionada com aspectos ligados à sexualidade e a aspectos físicos. Assim, ele precisa ser “uma máquina de sexo, ser um animal na cama, ser dotado de um pênis enorme, ter habilidades para esportes e outras tarefas manuais, ter força física descomunal, jamais recuar perante uma ameaça, mesmo que isso implique no dilaceramento de seu corpo (NKOSI, 2014, p. 92).

Essa visão que reduz o homem negro ao seu órgão sexual acaba por invisibilizar também outra possibilidade de vivência da masculinidade: as transmasculinidades negras. Homens trans negros vivem um duplo processo de invisibilização, aquela determinada pela cisgeneridade e a provocada pelo racismo (SANTANA, 2019). Essa invisibilização pode acarretar uma completa marginalização se esse sujeito não expressar sua afetividade conforme a norma heterossexual, por exemplo.

Ao pensar em um homem sem pênis, as transmasculinidades impõem reflexões para todo um contexto falocêntrico no qual as masculinidades estão inseridas. Em uma sociedade no qual o falo é um dos símbolos de poder e de opressão, homens trans subvertem toda uma expectativa de gênero, aproximando o masculino do feminino. Como aponta Santana (2019) as discussões das transmasculinidades dialogam



diretamente com as pautas feministas, pois também defendem o fim do machismo e da misoginia, reivindicam o direito de intervir no próprio corpo, além de lutarem contra a violência obstétrica e pela legalização do aborto.

Um homem trans negro muitas vezes para ser aceito pelos seus pares (homens cis brancos e negros) acaba por performar o estereótipo do homem negro cis. Por exemplo, muitos homens trans compram prótese peniana de tamanhos avantajados para obter maiores volumes esteticamente (SANTANA,2019). Percebe-se que mesmo dentro do grupo dos homens trans negros há uma expectativa de vivência a partir de uma lógica cis falocêntrica e estigmatizada, no qual para ser legitimado enquanto homem negro é preciso “ter um volume grande entre as pernas”. Tal prática acaba sendo contraditória, pois reforça um discurso que parte da militância trans tenta combater (SANTANA,2019).

Ao agir como muitos homens cisgêneros, alguns homens trans acabam adquirindo aquilo que é denominado de “*passabilidade*”, isto é, ser lido socialmente como uma pessoa cisgênero (PEÇANHA, 2022). A passabilidade pode “proteger” contra a transfobia, mas não protege os homens trans negros contra o racismo (SANTANA,2019), tanto o externo quanto aquele que é introjetado. Corpos negros vivenciam sua negritude, na maioria das vezes, de forma conflituosa e dolorosa (PATRÍCIO, 2021) devido aos discursos negativos que precisou escutar desde a tenra idade.

Um dos efeitos do racismo é a interdição física e mental dos homens negros, sejam eles cis ou trans. Por isso, a pressão para não poder falhar, que é recorrente a todos os homens de nossa sociedade, ganha outro significado para os homens negros. Sua existência está condicionada ao seu corpo, pois nada mais lhe é esperado (NKOSI, 2014). A civilização branca, representada pela cultura europeia, impôs ao negro um desvio existencial (FANON,2008) que, dentre uma das suas principais consequências, está a dificuldade de uma autoidentificação como negro, por exemplo. Como é possível amar e aceitar um corpo que é motivo de chacota e de todos os tipos de violências diariamente (PATRÍCIO, 2021)?

O racismo também é a principal estratégia de dominação dos homens brancos em relação aos negros em relação ao controle dos privilégios resultantes do patriarcado. Limitar a existência aos estereótipos de uma raça aprisiona os sujeitos a um determinado estilo de vida, impedindo-os de disputar outros espaços, principalmente os de poder. Conrado e Ribeiro (2017) afirmam que os estereótipos sexuais atribuídos aos homens negros são resultados do sexismo e não apenas do



racismo. Objetificou-se e sexualizaram-se os corpos dos homens negros, assim como fizeram com as mulheres negras, como uma forma de subjugar-los em relação aos corpos dos homens brancos, como já apontado anteriormente.

Caso, por algum motivo, o homem negro não consiga alcançar alguns desses estereótipos que lhe são impostos, isso é motivo de um sofrimento psíquico intenso (PATRÍCIO, 2021). Esse sofrimento se dá porque, além de não ser reconhecido como homem por ser negro, ele também não conseguirá ser reconhecido como homem negro por não alcançar os atributos que envolvem este reconhecimento (NKOSI, 2014, p. 93). Se este homem for gay ou trans e não corresponder ao estereótipo supermasculino do *negão*, ele será considerado “*pior do que nada*” (NKOSI, 2014, p. 92).

O racismo produz um sentimento de emasculação ao homem negro, que teria no enfrentamento violento diante da sociedade que o hostiliza um meio de tentar amenizar tal sentimento (NKOSI, 2014). Não se pode afirmar que homens negros são mais violentos que os brancos, entretanto, quando aqueles se utilizam da violência como forma de expressão não o faz almejando uma compensação vingativa, mas sim por não terem outros meios de serem escutados ou notados. Quando se silencia e desumaniza um sujeito, como o racismo faz com os negros, a violência aparece como consequência (CUSTÓDIO, 2019).

Dessa forma, a virilidade atribuída ao homem negro cisgênero, nesse caso, não pode ser compreendida como um valor masculino em si, pois ela é uma reação a uma condição de subalternização racial característica de sociedades ex-escravistas, como a nossa (NKOSI, 2014). Essa visão do homem negro é compartilhada por diferentes indivíduos da nossa sociedade, desde a própria mulher negra heterossexual ao homem branco homossexual. Ser viril e com traços de agressividades é um fardo que o homem negro precisará carregar durante boa parte da sua vida.

“Quando as mulheres se reúnem e falam sobre os homens, as notícias são quase sempre más. Se a conversa se torna específica e o foco recai sobre os homens negros, as notícias são ainda piores” (hooks, 2022, p. 29). Os homens negros convivem com a contradição de serem uma das partes privilegiadas do sistema patriarcal subjugando as mulheres (brancas e negras) e outras masculinidades (tais como as dos homens não-heterossexuais), ao mesmo tempo, em que são subjugados pela lógica racista que estrutura todas as relações sociais. O reconhecimento dessa posição ambígua é recente tanto para as mulheres



como para os próprios homens negros. Por anos, mulheres negras reproduziram estereótipos socialmente aceitos referentes ao homem negro, principalmente aqueles que reafirmavam sua virilidade e o seu corpo sexualizado.

Em consonância com as provocações das mulheres negras, os teóricos das masculinidades negras têm realizado indagações que têm permeado os debates atuais: quais os privilégios essas masculinidades possuem? Em que condições essas masculinidades racializadas lutam por esses privilégios? E em relação aos dividendos do patriarcado, eles são repartidos da mesma forma por todos os sujeitos que vivenciam masculinidades (CONRADO; RIBEIRO, 2017)? Essas são algumas das questões que têm norteado os estudos de masculinidades e que também estão influenciando outras áreas, como, por exemplo, as artes.

Possibilidades de expressões dos homens negros

Assim como o feminismo negro se fortaleceu devido à reivindicação de um maior protagonismo das mulheres negras em relação às suas vivências, um mesmo movimento tem ocorrido em relação aos homens negros. Após um longo período em que apenas eram falados, seja pelas mulheres negras, seja pelas mulheres ou homens brancos, os homens negros vêm reivindicando o direito de poder falar de si próprios, de poderem teorizar a partir das suas próprias experiências, como apontou Collins (2019). A partir das provocações propiciadas pelo feminismo negro, cada vez mais homens negros estão expressando suas vivências e suas contradições, expondo feridas e traumas que foram silenciadas pelo sistema patriarcal supremacista branco capitalista (hooks, 2022) no qual eles estão inseridos. No Brasil, uma nova geração de cantores exemplifica esse movimento, tendo no cantor Baco Exu do Blues um dos seus expoentes¹.

Em janeiro de 2022 o cantor lançou o álbum “*Quantas Vezes Você Já Foi Amado?* (QVVJFA)” no qual canta as vivências e as experiências de um jovem negro nascido e crescido na periferia de Salvador/BA. Perpassando por diversos temas inerentes à masculinidade, o cantor e compositor exemplifica na música Autoestima², as dores e traumas que muitos homens negros sofrem, mas é silenciada ou simplesmente não é verbalizada. Com uma sonoridade melancólica e cantada de forma lenta para que sua letra seja assimilada por aqueles que estão escutando, a

¹ Baco Exu do Blues, 27 anos, é um rapper negro, cantor e compositor nascido em Salvador/BA.

² <https://www.youtube.com/watch?v=5Zj9aef2AEE> Consultado em 12 de junho de 2023 às 14:45.



música pode ser interpretada como um grande desabafo de um homem que aos poucos vai tomando consciências de todas as mazelas e violências que sofreu durante toda a sua vida³:

Trecho 1: *“Usamos drogas pra esconder nossa dor. Diamantes nas correntes para ofuscar nossa dor. Cravejamos o sorriso, não vão ver nossa dor. Pago 10 mil nesse tênis, tô pisando na dor”.*

Trecho 2: *“Foram 25 anos pra eu me achar lindo. Sempre tive o mesmo rosto, a moda que mudou de gosto. E agora querem que eu entenda seu afeto repentino”.*

Trecho 3: *“Eu só tô tentando achar a autoestima que roubaram de mim.”*

No trecho 1 Baco mostra a relação do homem negro com a lógica capitalista e a sociedade de consumo, o quanto que muitos deles precisam utilizar de bens materiais e drogas para tamponar suas fraquezas e suas dores. Já nos trechos 2 e 3 o cantor expõe a dificuldade que os homens negros têm de construir uma autoestima, de se sentirem bonitos. Tal colocação do autor vai de encontro com o que hooks (2022) apontou de que os homens negros não são amados por ninguém nem mesmo por eles mesmos, e que isso não ocorreria porque eles são cercados de desejo e ódio.

A verdade de fato, que é um tabu quando verbalizada, é que nossa cultura não ama homens negros; eles não são amados por homens brancos, por mulheres brancas ou por mulheres negras, nem por meninas e meninos. Sobretudo, a maioria dos homens negros não se ama. Como eles poderiam amar a si e uns a outros, como poderia se esperar que eles amassem cercados de tanta inveja, desejo, ódio? Homens negros na cultura do patriarcado supremacista branco capitalista imperialista são temidos, não amados (hooks, 2022, p.32).

Nessa canção conseguimos reconhecer aquilo que hooks (2022) aponta como sendo uma das principais consequências da apropriação da discussão sobre masculinidade negra pelos homens negros: o autoconhecimento e autodeterminação. Ao falar de suas dores e dos impactos que o racismo causou em sua saúde mental, Baco está exemplificando uma das principais provocações dos estudos feministas: a importância das vivências para a compreensão dos fenômenos (CONRADO; RIBEIRO, 2017). Os homens precisam olhar para si para conseguir entender quem realmente são.

Como apontado por Patrício (2021), ao homem negro nunca foi permitido chorar ou demonstrar qualquer tipo de emoção. Reconhecido apenas pelos seus aspectos físicos e por sua agressividade, a esse homem

³ Fonte: <https://portalpopmais.com.br/letra-autoestima-baco-exu-do-blues/>. Consultado em 12 de junho de 2023 às 16:50.



sempre foi negado qualquer movimento que pudesse alterar seu lugar na hierarquia social. Por isso, quando Baco Exu do Blues consegue exteriorizar suas dores e fragilidades, sem que isso seja considerado de uma forma negativa, ele está movimentando uma engrenagem capaz de alterar todo o tecido social (PATRÍCIO, 2021) dando voz e visibilidade a quem sempre foi silenciado e invisibilizado.

Os estudos de masculinidade negras cada vez mais têm se apropriado das vivências dos homens negros para teorizarem sobre suas experiências e, assim, reafirmarem a importância desses homens poderem se autodefinirem ao invés de serem definidos por um Outro (FANON, 2008; hooks, 2022). Isso acaba por refletir no aumento da produção acadêmica e artística sobre o tema. Dois livros têm contribuído significativamente para os debates da temática: *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades* (RESTIER; SOUZA, 2019) e *Masculinidades negras: novos debates ganhando formas* (CAMILO; SILVA JUNIOR, 2022) sendo base para discussões em episódios de podcasts e nas redes sociais.

Conclusão

Como constatado no decorrer do texto, é preciso cada vez mais reafirmar que o conceito de gênero não é sinônimo de feminino e que as discussões sobre o masculino também precisam estar presentes quando se estuda as relações de gênero. Os homens negros, assim como as mulheres negras, também têm reivindicado o direito de falar sobre suas próprias vivências e experiências e, principalmente, entender as contradições de ser um indivíduo que oprime ao mesmo tempo, em que é oprimido. Como apontado por bell hooks (2022) as mulheres negras podem falar com eles, mas não por eles, pois um dos objetivos dessa discussão entre as intelectuais feministas é justamente propiciar um autoconhecimento e uma autodeterminação pelos homens negros, como exemplificado na canção de Baco Exu do Blues.

As mudanças ocorridas na sociedade têm contribuído com que os homens negros repensem seus corpos, suas vivências, suas sexualidades, suas identidades. Esse movimento, como qualquer outro, é permeado por contradições, avanços e retrocessos. Combater o sexismo, como propõe bell hooks (2018), é fazer com que os homens renunciem alguns privilégios e nem todos os homens estão dispostos a ceder sem saber o que acontecerá com eles em seguida. Ao mesmo tempo, em que há uma urgência por parte do movimento feminista em tornar as relações de



gênero mais igualitárias, devido à constatação de que a lógica patriarcal é nociva para toda a sociedade, atender aos interesses de todos os envolvidos nessa mudança tem se mostrado um grande entrave para o avanço da pauta.

Por fim, verificou-se que o feminismo negro tem contribuído significativamente para os estudos de masculinidades negras, fornecendo uma perspectiva crítica e interseccional sobre as construções sociais de gênero, raça, classe social, sexualidade, dentre outros, que afetam homens e mulheres negros. Ampliar esse diálogo entre homens negros e mulheres negras mostra-se urgente, pois ambos os grupos são afetados pelas violências praticadas por uma sociedade patriarcal branca na qual estão inseridos.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. (MAIS)CULINOS: outras possibilidades de corpos e gêneros para as carnes sexuadas pela presença de um pênis. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História**, [S.L.], v. 17, n. 29, p. 260-281, 12 fev. 2020.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. **Gêneros e Práticas Culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares**, Campina Grande, p. 22-34, 2010.

CAMILO, Vandelir; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da (org.). **Masculinidades negras: novos debates ganhando formas**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2022. 340 p.

CARNEIRO, Sueli. Gênero raça e ascensão social. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 544-552, jul./dez. 1995.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019. 589 p. Tradução: Jamille Pinheiro Dias.



CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: Nversos, 2015. 325 p. Tradução de: Marília Moschkovich.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.

CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 73-97, jan./abr. 2017.

CUSTÓDIO, Túlio Augusto. Per-vertido Homem Negro: reflexões sobre masculinidades negras a partir da categoria de sujeição. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (org.). **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 131-161.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. Tradução de: Heci Regina Candiani.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008. 194 p. Tradução: Renato da Silveira.

HOOKS, Bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidades**. São Paulo: Elefante, 2022. Tradução: Vinícius da Silva.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018. 184 p.

JENSEN, Robert. Patriarchal sex. **The International Journal Of Sociology And Social Policy**. S.I, p. 91-115. Jan. 1997.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, [s. l.], v. 22, p. 935-952, dez. 2014. ISSN 0104-026X, 1806-9584. DOI 10.1590/S0104-026X2014000300013.



Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqnzb/?lang=pt>.
Acesso em: 2 out. 2024.

NKOSI, Deivison Faustino. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman (org.). **Feminismos e masculinidades**: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 75-104.

PATRÍCIO, Cláudio Júnio. Quando o homem negro decide falar, o que a psicanálise consegue escutar? In: ANDRADE, Eduardo Lucas; CECCARELLI, Paulo Roberto; FREITAS, Víctor Cruz de (org.). **A Psicanálise na vida cotidiana**: vol. 3. Bom Despacho: Literatura em Cena, 2021. p. 69-88.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. Ensaio sobre Transmasculinidades negras brasileiras: reflexões sociais e demandas políticas. In: CAMILO, Vandelir; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da (org.). **Masculinidades Negras**: novos debates ganhando formas. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2022. p. 105-117.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? **Democracia Viva**, [s. l], v. 22, p. 64-69, jun./jul. 2004.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: N1- Edições, 2018. 448 p. Tradução de: Maria Paula Gurgel Ribeiro.

RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (org.). **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. 232 p.

SANTANA, Bruno. Pensando as transmasculinidades negras. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (org.). **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 95-104.



SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Tradução de: Guacira Lopes Louro.

SOUZA, Rolf Malungo de. Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do ocidente. **Antropolítica**, Niterói, v. 24, p. 35-52, jan./jun. 2013.

VIGOYA, Mara Viveros. **As cores da masculinidade**: experiências interseccionais e práticas de poder na nossa américa. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018. 224 p. Tradução de: Allyson de Andrade Perez.

Expanding the notion of gender: contributions of black feminism to the studies of black masculinities

ABSTRACT: This article examines the need to broaden the notion of gender beyond the feminine and highlights the contribution of black feminism to studies on black masculinities. We conducted a literature review of renowned theorists who reflect on gender issues, such as Joan Scott and Raewyn Connell, as well as authors who use black feminist epistemology to understand black masculinities, such as bell hooks, Patricia Hill Collins, Angela Davis, and Sueli Carneiro. We explore how black men have theoretically and artistically approached their masculinities through studies on black masculinities. We conclude that discussions about masculinity should be considered when studying gender relations, as they are fundamental to combating sexism and other forms of oppression, such as racism. Racism affects the position of white and black men in the patriarchal structure of society, which has a direct impact on the experience of masculinity for black men. Black men have claimed the right to speak about their own experiences, seeking to understand the contradictions of being both oppressors and oppressed.

KEYWORDS: Black Masculinities. Black Feminism. Gender.

Claudio PATRICIO

Psicólogo (UFMG). Doutorando em Sociologia pela UFMG. Mestre em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência pela Faculdade de Medicina da UFMG. Especialista em Psicanálise e a Clínica Contemporânea pelo Centro Universitário UNA. Pesquisador das seguinte temáticas: masculinidades negra, raça, gênero, sexualidade, violências, medidas socioeducativas e sistema prisional. Atua na Secretaria de Justiça e Segurança Pública do Estado de Minas Gerais. Psicólogo clínico com ênfase em atendimento de adolescentes e adultos..



Recebido em: 31/08/2024

Aprovado em: 01/10/2024